

JORNAL DA ESCOLA EB ARTUR ALVES CARDOSO

| Ano 1 | N.º 2 | março 2017

Diretora: Belmira Proença



EXPOSIÇÃO

Construímos os castelos de Portugal

Pág. 3

VISITAS

Fomos ao Museu das Crianças

Pág. 19

TRADIÇÕES

Pintámos os disfarces de Carnaval

Pág. 18

DIA DO PAI

Produzimos as prendas na escola

Pág. 17

CIDADANIA

Voltámos ao Palácio de Belém

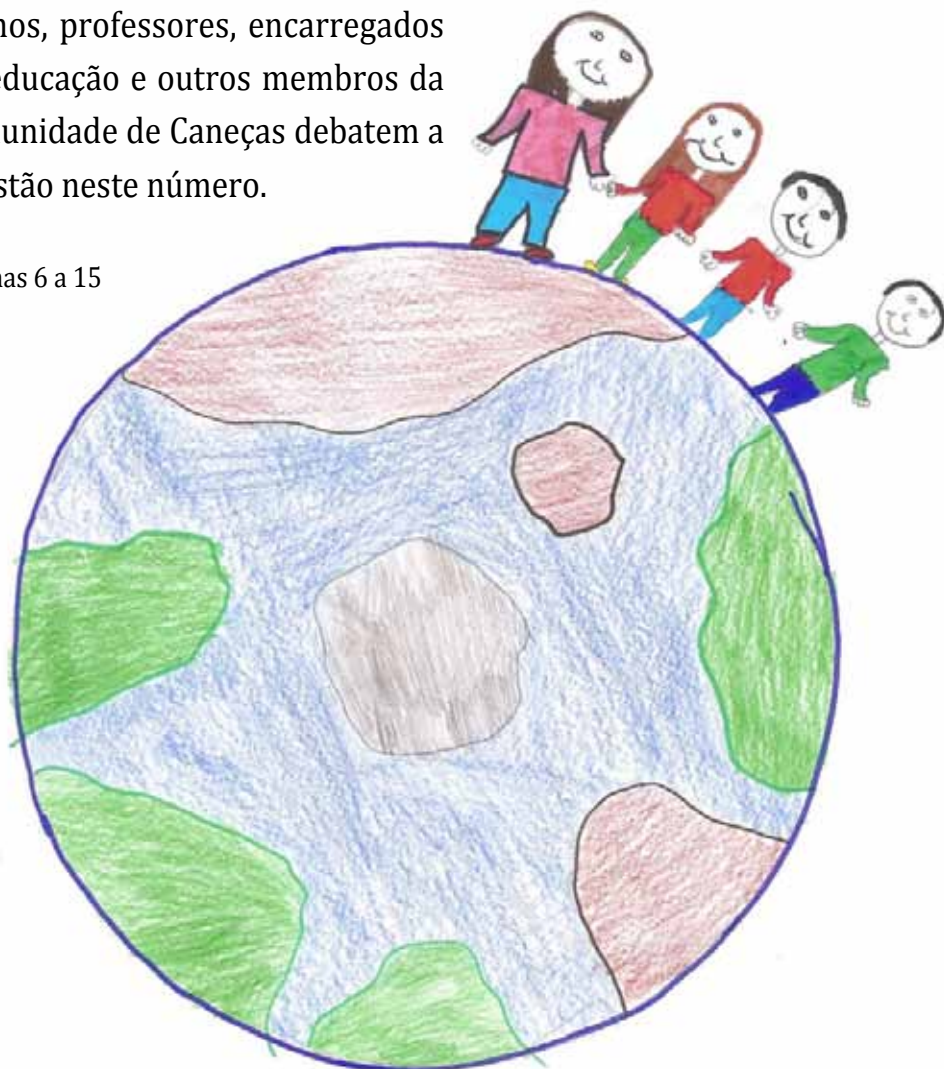
Pág. 20

DOSSIÊ ESPECIAL

POR UMA ESCOLA SEM VIOLÊNCIA

Como podemos criar uma escola que respeita os direitos humanos e da criança, que combate a violência? Alunos, professores, encarregados de educação e outros membros da comunidade de Caneças debatem a questão neste número.

Páginas 6 a 15



As emoções contra a violência!

O bullying e outras violências em contexto escolar estão identificados como as principais preocupações de educadores e encarregados de educação, pelo que é o tema central deste segundo número do jornal O Cusco.

Os professores decidiram começar pelos direitos humanos e pelos direitos da criança, sem distinção. É fundamental que as crianças percebam que existem direitos fundamentais garantidos pelos Estados a todas elas, sem exceção; que o seu interesse vem antes do interesse dos adultos (Artigo 3º); que o seu direito à vida é inalienável (Artigo 6º), tal como o direito de expressarem as suas opiniões e, mais, que essas opiniões têm de ser consideradas em qualquer assunto que lhes diga respeito (Artigo 12º).

Foram ouvidas as opiniões de crianças, seus professores e professoras, seus encarregados e suas encarregadas de educação, mas também de outros profissionais, como enfermeiros ou psicólogos, que trabalham todos os dias para que as crianças tenham um desenvolvimento sustentado, para que sejam cidadãos ativos e de pleno direito no futuro.

Os objetivos passaram por ouvir em relação a situações concretas, explorando emoções e não apenas a partilha de conhecimentos prévios decorados ou adquiridos através da espuma dos dias que marca a comunicação social. E julgamos, sem falsas modéstias, que contribuímos para tal.

Dizemos que contribuímos

porque esta tarefa de formar cidadãos é contínua. Não se faz através de ações avulsas, por mais interessantes que sejam os seus resultados. Este número de "O Cusco" é apenas um pequeníssimo passo, pois sabemos que uma escola integradora e inclusiva, democrática, respeitadora dos direitos humanos e da criança, só se cria com a colaboração de pais, de professores, através da definição de metodologias relacionadas com a disciplina/comportamento, que não sejam punitivas.

Essa escola, que ambicionamos, tem como marcas o trabalho em grupo entre profissionais, assembleias de escola, uma gestão equilibrada das turmas, uma política integrada de anti-bullying na escola. E essa política não pode abdicar de uma abordagem curricular centrada na educação social e emocional, que deve começar logo no Pré-escolar. Assim nós todos o consigamos fazer, em conjunto!

Ficha Técnica

Jornal Escolar da Escola EB Artur Alves Cardoso - Agrupamento de Escolas de Caneças

Diretora: Belmira Proença

Conselho Editorial:

Ana Abrunhosa, Ana Sofia Correia, Carla Susana Machado, Elisabete Monteiro, Paula Rocha, Paula Valente, Ricardo

Almeida, Sandra Fonseca, Sandra Pedro e Sofia Baltazar Mendes.

Redação:

Alunos da Sala 1, Sala 2, Sala 3 (Pré-escolar) e das turmas do 1ºA, 1ºB, 2ºA, 3ºA e 4ºA (1º Ciclo).

Projeto gráfico:

Carine Pires e Vitor Tomé

Paginação: RVJ-Editores, Lda – Av. do Brasil, 4 R/C, 6000-909 Castelo Branco

Impressão:

Câmara Municipal de Odivelas

Sede:

Escola Artur Alves Cardoso

- Rua da Guiné, 1685-475 Caneças

Contactos: eb.cardoso@aecanecas.com



3º Lugar - Castelo de Guimarães

Os “nossos” Castelos de Portugal

Os alunos do 4º ano aceitaram o desafio da professora e reproduziram alguns dos principais castelos de Portugal em maquetes, usando materiais à sua escolha e trabalhando em conjunto com os seus encarregados de educação e outros membros da família e da comunidade de Caneças.

Os castelos ficaram então em exposição na sala de aula, mas a professora e os alunos ficaram tão orgulhosos dos trabalhos produzidos, que decidiram mostrá-los a colegas, professores e funcionárias da escola, amigos, encarregados de educação, pais e outros familiares. Organizaram então uma exposição, que esteve patente ao público, de 20 a 24 de fevereiro, na Biblioteca da escola.

Para a organização da exposição, meteram mãos à obra e elaboraram os cartazes a anunciar a exposição e elaboraram os convites em papel e em formato digital. Criaram ainda fichas com os factos mais relevantes de cada castelo, a partir de consultas em livros e na Internet. Finalmente, organizaram um livro da exposição, para que os visitantes pudessem deixar as suas opiniões e criaram ainda um sistema de voto em urna, para que cada

visitante escolhesse o castelo de que mais gostara.

A exposição recebeu muitos visitantes da comunidade escolar, os quais colaboraram na votação para eleger a castelo preferido, além de terem deixado as suas opiniões, no livro, que os alunos decidiram chamar Livro dos Elogios, uma vez que os comentários eram muito positivos e incentivadores.

Encerrada a exposição, os alunos passaram à contagem dos votos. Em primeiro lugar, com 58 votos, ficou o Palácio da Pena, de Sofia Palminha. Em segundo lugar, com 43 votos, foi escolhido o Castelo de Óbidos, de João Martins e, por fim, em terceiro lugar, foi eleito o Castelo de Guimarães, elaborado por Daniela Mota, que obteve 21 votos.

Os alunos compreenderam melhor como se organiza uma eleição e não ficaram desiludidos com

Atualidade



1º Lugar - Palácio da Pena



2º Lugar - Castelo de Óbidos

os votos que conseguiram obter, mesmo aqueles que não ficaram nos três primeiros lugares.

Têm orgulho nos seus trabalhos, ficaram muito sensibilizados com o respeito demonstrado pelos visitantes e concluíram que o tempo dedicado à produção dos castelos e à exposição valeu a pena. A exposição estará novamente patente ao público no final do ano letivo.

Atualidade



Aprendemos a fazer bolos especiais

A professora de Educação Especial da nossa escola decidiu organizar uma atividade que consistiu na confeção de bolinhos e bolachas de manteiga, chocolate e de canela.

Foi com grande alegria e entusiasmo que arregaçámos as mangas e deitámos mãos à massa e às formas, para podermos fazer os biscoitos com as formas de que mais gostávamos.

Os aromas invadiram a nossa escola e deliciámo-nos, depois, com os doces. Gostámos muito de participar na atividade, que agradou muito a todos. O resultado está à vista!



**«A Educação é a arma mais poderosa
que podemos usar para mudar o Mundo!»**

**Ajude-nos, fazendo-se sócio da Associação
de Pais e Encarregados de Educação!**



NASCER ODIVELAS

**Somos o Concelho com a maior
taxa de natalidade do País**



TODOS
somos
Odivelas

CÂMARA MUNICIPAL DE ODIVELAS

Saúde escolar trabalha Cidadania

O projeto 'Educação para a Cidadania Digital e Participação Democrática', que está em curso na Escola Artur Alves Cardoso desde o início de 2016, está já articulado com o Projeto Crescer com os valores, que a Unidade de Cuidados na Comunidade de Odivelas está a desenvolver nas escolas do Agrupamento de Caneças.

Dentro deste projeto amplo da área da Saúde, está a ser desenvolvida uma atividade subordinada ao tema 'Respeito', a cargo das enfermeiras Alexandra Domingos e Sandra Pereira. Com recurso a um jogo digital criado para o efeito, as duas profissionais de saúde dinamizaram sessões com todas as crianças de Pré-escolar e 1º Ciclo do Agrupamento, explorando aspetos como as necessidades de sono ou a importância de uma alimentação equilibrada, colocando porém o foco na necessidade de respeitar os outros e as suas opções, mas também a si próprios e às suas opções, bem como os animais e o ambiente.

A história do jogo, ao longo do qual as crianças podem escolher e votar qual o curso dos acontecimentos que preferem, centra-se no dia-a-dia do João, nas suas relações com a mãe, com os colegas e com a professora. As sessões, a que tivemos oportunidade de assistir são muito dinâmicas e têm um desafio associado: o de contribuir para que a árvore do respeito, que inicialmente não tem folhas, as venha a ter à medida que as crianças agem de forma a respeitar as suas opções e as



opções dos outros.

Cada escola básica do Agrupamento de Caneças tem neste momento o projeto da árvore em elaboração (ver fotos), sendo que todas serão expostas, no final do ano letivo, na escola sede do Agrupamento.

Na sequência da sessão dinamizada com a turma de 2º Ano da Escola Artur Alves Cardoso, os alunos decidiram elaborar um texto sobre o tema, com a ajuda preciosa da professora, tendo optado por destacar o seguinte:

"Ao longo deste ano letivo temos tido alguns problemas relacionados com o tema 'Respeito', pois temos ainda mui-

ta dificuldade em respeitar os outros, principalmente porque também ainda não aprendemos a respeitar-nos a nós próprios e às nossas coisas.

Já vamos conseguindo diferenciar o certo e o errado, mas cumprir todas as regras é tão difícil! Principalmente porque estamos sempre muito preocupados a ver o que os colegas estão a fazer errado para podermos fazer "queixinhas" à professora ou às assistentes. Este tema preocupa-nos bastante porque a professora diz que nós não sabemos ser amigos uns dos outros. E nós queremos mudar e ser melhores".

Uma maçã entre insultos e elogios

‘O que acontece à maçã quando a elogiamos ou a insultamos?’ foi a pergunta de partida de uma atividade organizada pela professora bibliotecária da Biblioteca da Escolar Escola Artur Alves Cardoso, com o objetivo de sensibilizar os alunos ao nível de atitudes e comportamentos sociais.

Com a apresentação de duas maçãs iguais, da mesma espécie, e após a sua observação e introdução, solicitou-se aos alunos para insultarem uma das maçãs com palavras que utilizam com muita frequência. Um aluno de 1º ano interveio e disse: “Se isso é errado por que é que o vamos fazer?” Até nestas pequenas coisas os alunos revelam capacidade de distinguir o ‘certo’ do ‘errado’.

Após explicação de que essa atividade apenas tinha como fim compreender os efeitos dos insultos, quando magoamos alguém, os alunos referiram alguma expressões insultuosas que costumam usar ou ouvir, as quais foram escritas no quadro. Procederam depois da mesma forma, mas agora com elogios em relação à outra maçã. Ao referirem expressões



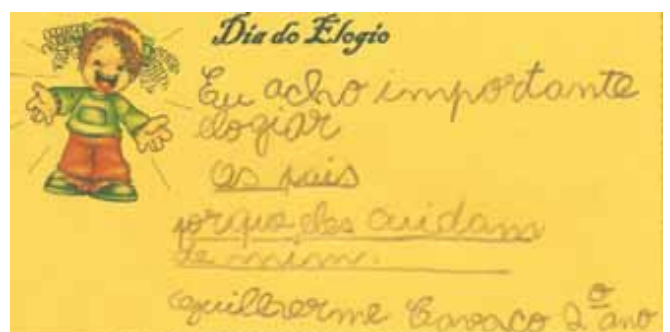
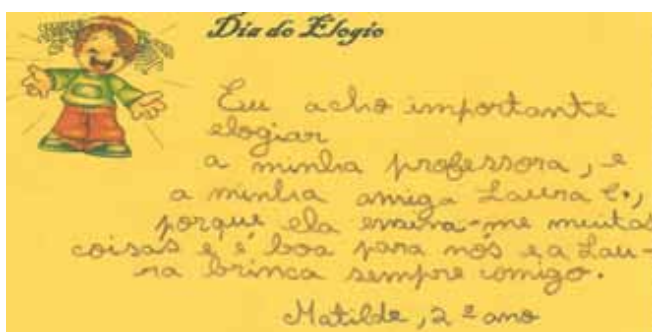
de elogio, vários alunos tiveram maior dificuldade, talvez por não ser uma prática que lhes é tão comum.

No final procedeu-se a uma demonstração do eventual efeito que os elogios e insultos teriam nas maçãs. Primeiro, a professora mostrou as duas maçãs que, exteriormente se mantiveram iguais e inalteradas. Mas, quando cortou as maçãs ao meio e as mostrou aos alunos, estes verificaram que a maçã que tinham elogiado estava intacta, fresca e succulenta enquanto a outra, que tinham insultado, encontrava-se ferida, mole e escura.

Foi depois estabelecida uma analogia com o efeito dos elogios e insultos nas pessoas, pois exteriormente elas podem permanecer intactas mas, interiormente, ficam magoadas e feridas.

Referiu-se ainda que é o que acontece às vítimas de bullying, que aparentemente estão bem por fora mas, por dentro, sofrem uma grande dor.

Por fim sensibilizaram-se os alunos para o facto de só eles poderem evitar essas atitudes negativas, tratando os outros com respeito e sensibilizando os outros, dessa forma, a tratarem os outros com RESPEITO.



Escola cria cartões de elogio

Os alunos assinalaram o Dia do Elogio, celebrado a 14 de fevereiro, com a criação de cartões de elogio, que completaram com mensagens. Após a atividade, concluíram o seguinte: “Neste dia elo-

giámos aqueles de quem gostamos, aqueles com quem estamos todos os dias, aqueles que fazem parte da nossa vida. Quisemos mostrar amizade e gratidão pelos outros: todos o fizeram, porque

no fundo até o sabem fazer muito bem e é importante para melhorar o nosso comportamento, o de todos os nossos amigos, mas também o dos professores e das assistentes da escola”.



Somos crianças, temos direitos!

As crianças têm direito a brincar, a serem respeitadas, a irem à escola, a terem comida em casa, a tomarem banho e a terem roupa para vestir. Estes são os direitos apontados pelas 70 crianças que frequentam as três salas de Jardim de Infância da Escola Artur Alves Cardoso, que desenvolveram um trabalho sobre os Direitos da Criança e os Direitos Humanos.

As três educadoras tomaram como referência a atividade “Os direitos do Coelho”, proposta no livro *Compasito*, editado pelo Conselho da Europa e disponível na Internet (<https://goo.gl/fB8qJK>). O tema central consiste em pensar nas necessidades que tem um coelho, para conseguir manter-se vivo e saudável. Implicava pensar também em quem trata o coelho e de que forma, no fundo, nos seus



direitos. As crianças vão construindo a lista desses direitos e, na fase seguinte, tentam responder à questão “Se em vez de um coelho for uma criança, a que é que ela deve ter direito para viver e ser feliz?”.

As educadoras organizaram primeiro a atividade “Se eu tivesse um coelho...” e, como motivação, levaram um coelho real para a escola, numa caixa com ração, cenouras e couves, o que fez vibrar



Pré-Escolar



as crianças, que não se cansavam de o olhar e de lhe fazerem festas.

Só que os objetivos iam muito além disso. Primeiro era necessário atribuir um nome ao coelho, sendo que numa sala passou a chamar-se “Pantufa”, enquanto nas outras duas as crianças preferiram chamá-lo “Orelhudo”. Pelo meio ainda surgiram outras propostas (como Floquito, Fofinho, Nero e até Ronaldo), mas os alunos já se vão habituando ao processo de eleição democrático que, desta vez, vigorou no sis-

tema de braço no ar, pelo que o nome mais votado acabou aceite por todos.

De que precisa então o Orelhudo/Pantufa para viver? Precisa de comida (cenouras, couves, maçãs), de água, de colinho, festinhas e mimosos, de brincar, de tomar banho, de uma casa para morar, de família e amigos, para não ficar sozinho. O Daniel até disse que o coelho precisava de ir à escola, criando assim uma boa ligação para todos começarem a pensar que, se o coelho deveria ter direito a isso tudo, que direitos

deve ter uma criança?

Não foi fácil! Inicialmente as meninas e os meninos não conseguiam distinguir as palavras “direito” e “dever”. Houve até quem achasse que tinha direito “a fazer o que os adultos mandam”, “a portar-se bem” e “a comer a sopa até ao fim”, entre alguns outros. Mas, com a ajuda das educadoras, rapidamente perceberam a diferença e perceberam também que têm o direito a exigirem respeito pelos seus direitos.

Para já apenas querem exigir o respeito pelos direitos que reclamaram para o Orelhudo e para o Pantufa. São eles: comida, água, colinho, festinhas e mimosos, brincar, tomar banho, uma casa para morar, família, amigos e... ir à escola! Mas ficaram já a saber que há mais direitos, das crianças e dos adultos também, que irão aprender com as educadoras e depois, com outras professoras, ao longo das suas vidas, e, só isso, é muito!



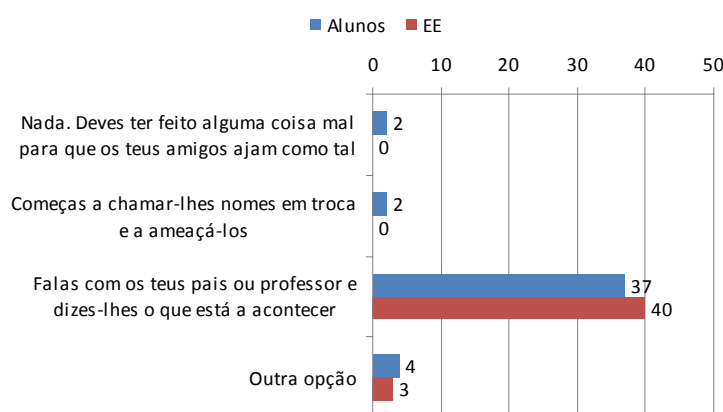
Bullying e outras violências: como

Crianças e encarregados de educação (EE) do 3º e do 4º Ano estão alerta para situações de bullying ou de outras violências que as possam afetar mas, se muitos preferem o diálogo para as ultrapassar, uma minoria optaria por uma ação agressiva. Os resultados são de uma iniciativa sobre o tema que incluiu resposta a questionários por parte de crianças e adultos, elaborados pelas professoras a partir da ativi-

dade “Cenas de bullying”, disponível no livro Compasito, editado pelo Conselho da Europa e disponível na Internet (<https://goo.gl/fB8qJK>).

Estiveram em causa nove situações concretas, que aqui referimos na forma como foram apresentadas às crianças. Os EE responderam tendo em conta as atitude(s) que tomariam se o seu/sua educando/a estivesse envolvido/a na situação. Responderam 45 alunos e 43 EE.

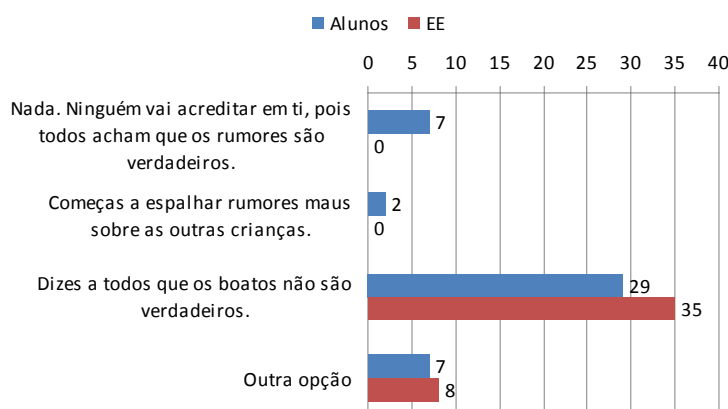
Gráfico 1 - *Os teus amigos começam a chamar-te de nomes, enviam-te mensagens desagradáveis e forçam-te a dares-lhes coisas. Não te sentes bem quando estas coisas acontecem. O que deverias fazer?*



Trinta e sete das 45 crianças fariam com a professora, enquanto seis confrontariam os colegas, duas delas de forma agressiva. Só duas não faziam nada e assumiam a culpa. Quarenta dos 43 EE articulariam estratégias com a professora, um prepararia o educando para lidar com estas situações (o que significa que não consideram que esteja preparado) e dois iriam dialogar com o EE da outra criança. Ideia central: a resposta passaria pelo diálogo com professores.

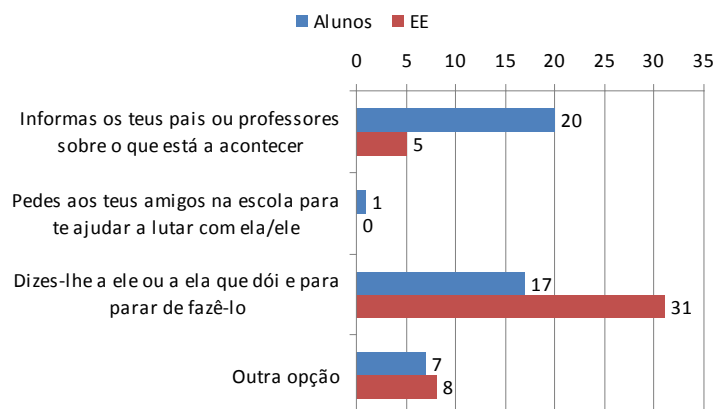
A maioria das crianças (29) tentaria desmentir os rumores ou confrontava os autores, fosse ripostando (2), falando com esses autores (3), com os pais (1), com as assistentes operacionais (1) ou com os pais dos autores (1). Também os EE (35) procurariam desmentir os rumores junto dos outros EE, falavam com os professores ou coordenadora da escola (4), abordavam o assunto com os educandos (2) ou cancelariam as redes sociais (1). Ideia central: a resposta passaria pelo diálogo entre EE.

Gráfico 2 - *Um grupo de crianças da tua turma anda a espalhar rumores prejudiciais sobre ti, enviando mensagens a todos. Há colegas que já não vão brincar contigo ou nem falam contigo. Os teus amigos começam a pensar que os boatos podem ser verdadeiros. O que deverias fazer?*



crianças e pais lhes respondem!

Gráfico 3 - A tua irmã mais velha ou irmão bate-te e dá-te pontapés quando ninguém está a ver e diz que se contares a alguém que te vai bater mais. O que deverias fazer?



A larga maioria dos alunos (36) iria falar com a coordenadora de escola (na qual depositam confiança) e seis pediam aos pais para os mudarem de escola. Confrontar o professor (1), não ligar (1) e fazer tudo para ficar na escola (1) seriam atitudes menos comuns. Também os EE (40) falariam com a coordenadora da escola e/ou com o professor em causa (6), pediriam para o educando mudar de professor (1), de turma ou de escola (1), ou ponderariam outras ações se tal não resultasse (1). Ideia central: a resposta passaria pela coordenação da escola.

Cerca de metade dos alunos (24) iria falar com professores ou EE, 17 confrontavam o irmão, dizendo-lhe para parar e três reagiriam de forma violenta (um deles em grupo). Os EE confrontariam o educando agressor, dizendo-lhe para parar (35) ou castigando-o (3) sendo que oito admitiriam falar com psicólogos ou com professores, se a situação fosse grave. Ideia central: a resposta não ficaria apenas pelo contexto familiar.

Gráfico 4 - O teu professor chama-te nomes sempre que dás uma resposta errada na aula e diz que não adianta tentar ensinar-te porque não aprendes. Os teus colegas também já começaram a chamar-te nomes. O que deverias fazer?

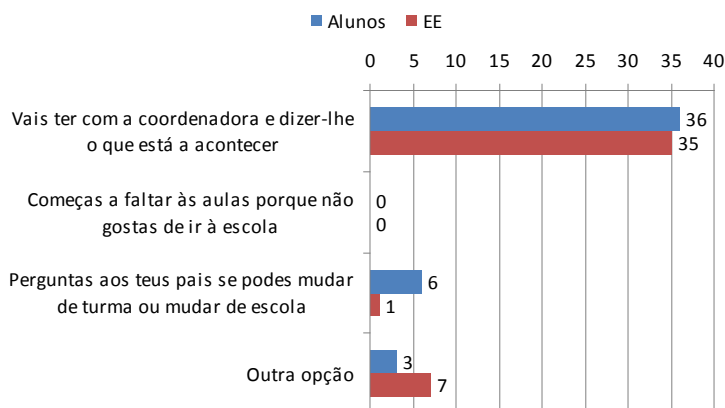
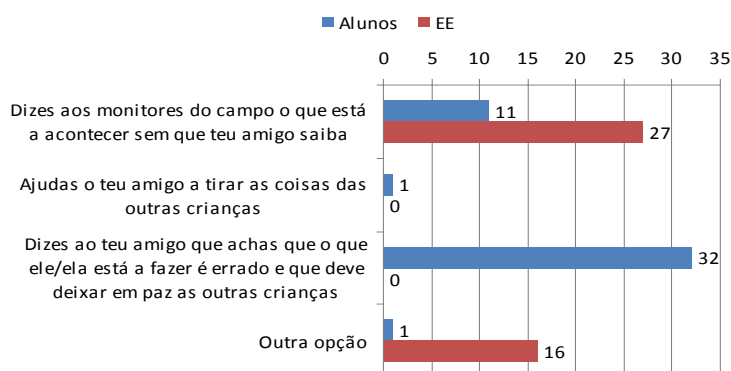


Gráfico 5 - Percebes que um dos teus amigos anda a gozar com outras crianças durante um acampamento de verão. O teu amigo começou a tirar-lhes coisas. O que deverias fazer?



A maioria das crianças (33) admite que confrontaria o amigo e só 11 procurariam, pelo menos numa primeira fase, a ajuda do adulto. Uma, porém, ajudaria o amigo a tirar objetos às outras crianças. Já os EE prefeririam confrontar os EE das crianças agressoras (29) e/ou informariam a escola (10). Falariam com a criança em causa (2) ou com o educando, mostrando-lhe que o agressor não era um amigo (1) ou explicando-lhe que não se pode deixar roubar, mesmo que tenha de ser violento. Ideia central: as crianças assumem uma postura de proteção dos pares enquanto os EE, maioritariamente, resolveriam a situação pelos seus próprios meios.

As crianças pediriam apoio aos adultos da escola (37) ou da polícia (2), teriam cuidados especiais, indo e vindo da escola em grupo (3) ou encontrando-se forma de se defenderem, fosse andando com pedras ou facas (2) ou formando “um gangue de elite de amigos meus e, se os mais velhos atacarem, nós atacaremos contra os mais velhos” (1). Os EE fariam queixa à polícia (28). Falariam com a escola (2) e ensinariam estratégias de proteção aos filhos (6) ou ambas (6). Apenas 2 EE confrontariam os agressores. Ideia central: as crianças veem a solução na escola e os pais nas autoridades, mas haveria também respostas violentas quer da parte das crianças quer da parte dos EE.

Gráfico 6 - Um grupo de crianças mais velhas de outra escola gosta de apanhar crianças mais novas de tua escola. Espera-as, quando elas vão a pé para casa ou estão à espera do autocarro sozinhas e cerca-as, tirando-lhes dinheiro, comida ou brinquedos. Também lhes atira pedras e ameaçam fazer pior. O que fazes?

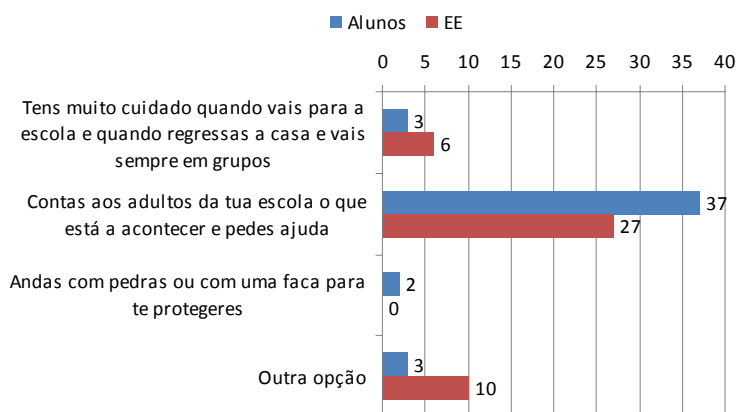
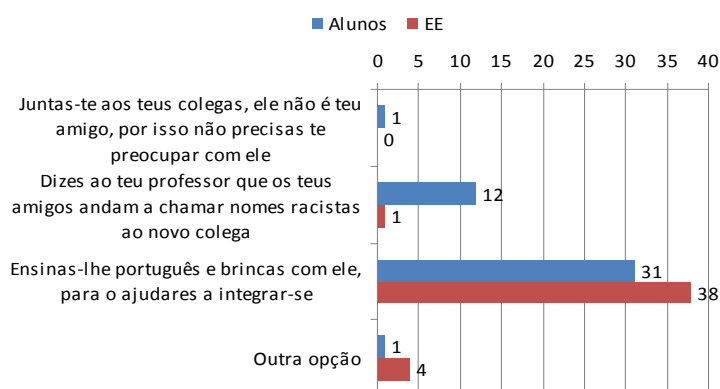
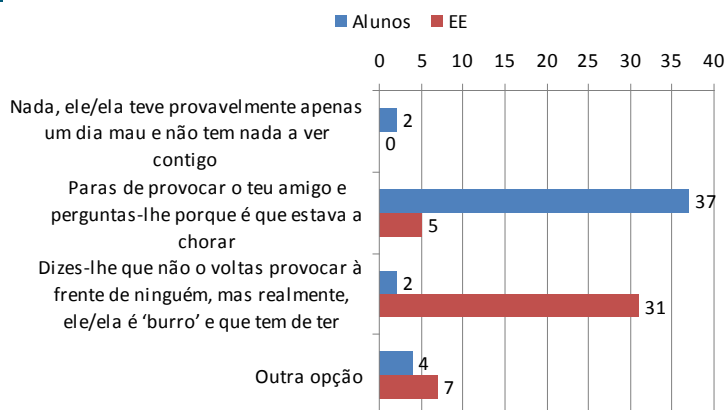


Gráfico 7 - Um novo aluno da turma é um refugiado. Os teus amigos estão sempre a dizer-lhe coisas racistas, gozam com a forma como fala português e dizem-lhe para ele voltar para casa. O que deverias fazer?



Perante a constatação do problema, as crianças procuram intervir de forma positiva, parando de provocar e perguntando por que razão chora (37), falando com ele (4). Quatro deixariam de o provocar, mas continuariam a dizer-lhe que “é burro” (2) ou a ignorá-lo (2). Os EE diriam ao filho para conversar com o amigo e não o agredir (31), para não o provocarem (5), ou tomando ambas as medidas (8), pois “quem goza também tem defeitos”. Ideia central: a atitude de tolerância domina entre crianças e EE, mas há casos que devem ser tidos em conta.

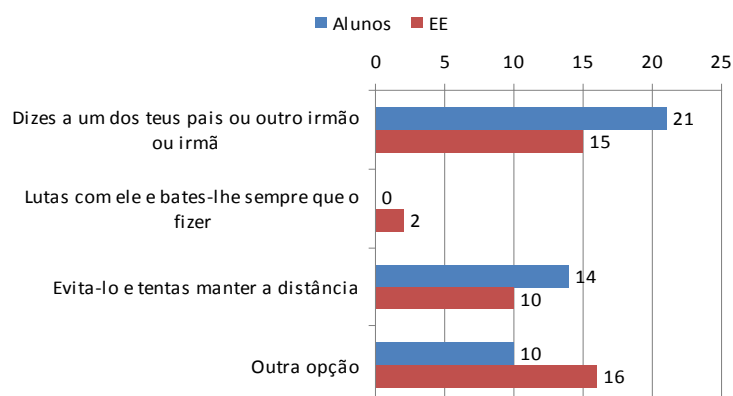
Gráfico 8 - Andaste a gozar com um dos teus amigos porque é muito mau a ler e escrever, mas recentemente percebeste que ele/ela se começou a sentar sozinho. Uma vez até reparaste que tinha lágrimas nos olhos. O que deverias fazer?



As crianças assumem uma atitude de tolerância, pois brincariam com a criança (31), queixando-se à professora (12) ou pedindo aos colegas para ajudarem (1). Mas uma delas iria juntar-se aos agressores e ignorava o refugiado. Quarenta dos 43 EE falariam com os educandos, para brincarem com o refugiado, ajudando-o a integrar-se. Um falaria com o professor e dois falariam com os professores e pediriam aos educandos para ajudarem o refugiado a integrar-se. Ideia central: a atitude de tolerância e integração domina entre crianças e EE.

Gráfico 9 - Tens um irmão/irmã mais velho(a) que gosta muito de ti. Com frequência ele/ela quer beijar-te e abraçar-te. Embora gostes dele(a), sentes-te desconfortável. O que deverias fazer?

NOTA: aos EE foi colocada a pergunta imaginando que o agressor era alguém mais velho e não um irmão ou irmã.



3º e 4º Ano

As crianças dividem-se entre os que diriam aos EE/ outros irmãos (21) e os que tentariam evitar o irmão ou mantê-lo a distância (14), pedindo-lhe para parar (7). Apenas dois não fariam nada e um deixaria a situação continuar. Os EE dividem-se entre os que apresentariam queixa à polícia (15) e/ ou manteriam a pessoa a distância (13) e os que confrontariam a pessoa (9) agredindo-a fisicamente (2). Apenas um falaria com a escola e dois sensibilizariam o filho para evitar essas situações. Ideia central: a situação cria divisões entre crianças e entre EE, podendo levar a situações de violência.

Sete conclusões

1 - Os EE assumem uma perspetiva protetora das crianças, disponibilizando-se para agir, quase sempre através do diálogo com a coordenação da escola, professores, EE de outras crianças, às próprias crianças que incomodaram o seu educando. O recurso às autoridades é referido em situações de violência ou roubo no exterior a escola e suspeitas de agressão sexual.

2 - Um reduzido número de EE admite reagir de forma contundente em situações de violência ou roubo (um considera que o educando não se deve deixar roubar nem que opte pela violência; outro admite confrontar, de forma agressiva, as crianças que roubam o filho), ou em casos que podem indiciar situações de abuso sexual.

3 - Entre as crianças, as respostas são mais diversas, mas é clara a vontade de agir e de encontrar soluções eficazes para o problema, quase sempre solicitando os adultos, sobretudo professores, adultos da escola ou da família. As soluções que procuram são sobretudo o diálogo.



4 - Uma criança admite criar um gang para confrontar crianças mais velhas que a incomodam. Quatro admitem o confronto físico ou estratégias de defesa com recurso a pedras ou facas. Uma manifesta vontade de se juntar aos agressores e duas optariam por ignorar as vítimas.

5 - Um grupo de até sete crianças não reagiria a agressões psicológicas, assumindo que talvez os colegas as estivessem a agredir dessa forma porque eles tinham feito algo de errado. Seis crianças pediriam aos pais para as mudarem de escola, caso fossem alvo de violência psicológica por parte de um professor.

6 - Crianças e EE revelam ele-

vada tolerância em relação a crianças refugiadas ou vítimas de agressão. Os EE admitem falar com os educandos, de modo a que contribuam efetivamente para a sua integração. Apenas quatro crianças admitem que não agiriam deste modo.

7 - Embora seja reduzido o número de eventuais respostas agressivas a comportamentos agressivos, será importante debater estas temáticas na escola e em casa, prevenindo situações de violência e antevendo a forma de agir nessas situações. Poderão ser identificadas as crianças mais resilientes e prepará-las para apoiarem as que acrescentam sentimentos de culpa ao facto de já serem vítimas.

“Os gangues não levam a lado nenhum!”

Na semana anterior à interrupção do Carnaval, na Escola Básica Artur Alves Cardoso falou-se de bullying. O bullying é um ato de pessoas cobardes, consiste em extrema violência física e psicológica, praticada por uma ou várias pessoas organizadas e os castigos aos agressores deveriam ser muito severos (Joel, 4ºano)

A violência pode ser verbal ou física e, por vezes, acontece que os mais novos, quase sempre mais fracos e com medo dos mais velhos, não falam sobre o que lhes acontece. Os alunos perceberam que devem contar aos adultos, quando algo de mal lhes acontece (Bruno, 4º ano).

Os alunos perceberam que a maioria das vítimas conta aos pais e professores. Todos manifestaram preocupação com esta situação, mas também raiva, por não se conseguir pôr fim à violência (Ana Filipa, 4ºano).

Alguns alunos revelaram entusiasmo. Aprendemos que temos conhecimento das coisas violentas que acontecem no mundo e que a violência e os gangues não levam a lado nenhum (Matilde, 4ºano).

Concluimos que existem respostas diferentes, para a mesma pergunta. No entanto, verificamos que, apesar das diferentes opiniões, todos tentam proteger-se ou defender-se quando confrontados com um perigo. Os professores chamaram a atenção para os comportamentos adequados a ter com estranhos. Durante a discussão dos resultados, os alunos participaram dando a sua opinião com exemplos reais” (Sofia, 4ºano), como se ouviu no debate:

•“Um adulto está a bater numa criança, o que devo fazer? O que devo pensar? O meu pai é motorista e viu um senhor a ba-



ter numa criança. Essa pessoa pediu boleia ao meu pai e o meu pai não deu” (Beatriz, 3º Ano)

•“Os miúdos do 1º e do 2º ano vêm ter comigo para pedir ajuda e eu vou” (Rita, 3º Ano)

•“Às vezes o meu irmão chama-me nomes e eu digo aos meus pais, mas ele diz que eu sou ‘chiba’.” (Leonor, 3º Ano)

•“Vi dois colegas à briga e fui lá separá-los” (João, 4º Ano)

•“Um miúdo chamou nomes à minha mãe e ignorei, o miúdo insistiu pondo-se à minha frente, a desafiar. Fui-me embora” (David, 4º Ano)

•“Um dia estava no parque e um adulto começou a fazer-me perguntas e eu disse coisas falsas” (Matilde, 4º Ano).

Nós escolhemos as opções ‘mais corretas’ mas, quando chega a hora de agirmos, nem sempre o fazemos. Temos de ser tolerantes, ou seja, ajudarmos os outros e sermos amigos. A maior parte dos meninos escreveram a opção mais acertada, mas o que mais me surpreendeu foi a resposta de quem se juntava aos agressores (Beatriz, 3ºano).

O que foi dito foi importante. Estivemos a falar de respeito pelas pessoas. Todos nós ficamos com

raiva e com tristeza, porque sabemos que há pessoas que fazem ameaças às outras, porque não lhes dão o que querem (Mariana, 4ºano). Todos dissemos que, se fizessemos mal a alguém, sairíamos prejudicados (Beatriz, 3ºano). Por isso, não faças aos outros, o que não gostas que te façam a ti (João, 3ºano).

Este dia foi bom porque falamos de bullying e de tolerância. Também falamos que devemos avisar os pais que estamos a sofrer (Martim, 3ºano). O que nos interessou mais foi termos falado sobre os problemas que os outros arranjam e como nós devemos ajudar (Vicente, 3ºano). Se uma pessoa estiver a bater noutra, devemos chamar um adulto e não ajudar a bater (Mariana, 3ºano).

Devemos ser amigos e não temos de responder a insultos, porque só piora tudo (William, 3ºano). Entretanto, já vimos dois meninos a brincar e depois foram bater noutra. Também vimos duas meninas que não deixavam outra brincar com elas. Parecia que não tinham aprendido nada! (Rita, 3ºano).

Composição coletiva elaborada pelos alunos do 3º e do 4º Ano.



As crianças são diamantes por lapidar

Agredir, Intimidar, Ameaçar ou o tão conhecido Bullying sempre existiu e continua a existir, a deixar marcas profundas nos nossos filhos, nos nossos alunos, nas nossas crianças. Uma em cada cinco crianças é vítima de bullying.

Hoje em dia fala-se muito mais sobre este tema, existem até associações (Associação Anti Bullying com Crianças e Jovens), linhas de ajuda (808968888), entre outros para auxiliar, identificar e travar este fenómeno.

Podemos constatar que na sua maioria os alunos da EB1 Artur Alves Cardoso sabem bem o que fazer perante uma situação destas, graças às inúmeras iniciativas, às formações assim como ao apoio dos média, e por último, mas não menos importante, graças à educação que re-

cebem em casa.

Não nos podemos nunca esquecer que os nossos alunos, as nossas crianças, os nossos filhos são fantásticos, maravilhosos e únicos, mas todos, ao longo do seu desenvolvimento, à semelhança de um diamante necessitam de ser polidos.

São tão diamantes aqueles que têm comportamentos desagradáveis, como as vítimas.

Ainda não encontrei nenhuma criança que declarasse “sim, eu sou um bully”. Mesmo quando confrontadas com o facto dos seus comportamentos se encaixarem num quadro de bullying, provavelmente vão responder “eu não percebi”, “foi engano”, “não sei do que estão a falar”.

Todas as histórias têm inevitavelmente dois ou mais lados. Enquanto educadores, e perante situações destas, não nos pode-

mos esquecer que aquele diamante/criança precisa de ser polida, orientada, encaminhada. Enquanto educadores não nos podemos esquecer que somos o exemplo, o modelo e que devemos ter uma política clara do que é um comportamento aceitável.

O Bullying é um tema que tem sido objeto de muitas investigações, notícias, debates. Esta palavra está associada a algo feio, forte, e a um ato que tem implicações nefastas e profundas nas nossas crianças/alunos/filhos/diamantes.

“Nenhum de nós pode mudar o passado, mas todos podemos mudar o futuro” Colin Powell.

Cláudia Tinoca

(Psicóloga do GAPC - Gabinete de Apoio Psicológico de Caneças - Câmara Municipal de Odivelas)



Respeitar

Somos todos crianças
respeitar é o nosso dever.
Pode parecer fácil,
mas é mais difícil do que possa parecer.

O respeito é uma palavra
que todos temos de saber,
respeitar é ser respeitada
aprender é fácil, podem crer!

Respeito o meu pai,
a minha mãe e a minha avó,
respeito também a minha professora
respeito o mundo, todo num só.

Respeitar é dar atenção
é ouvir e compreender,
respeitar é dar a mão
é, pois, o nosso dever!

Respeitar é escutar o outro,
ajudar e acreditar.
O mundo todo temos de respeitar
e acima de tudo, todos amar!

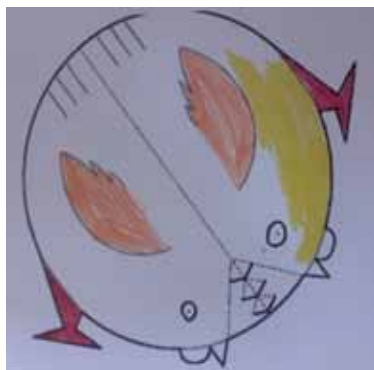
Diana Carvalho

(com a colaboração dos colegas do 4º Ano
Turma - AAC1/A)

Diana Carvalho, aluna do 4º Ano da Escola Artur Alves Cardoso, elaborou este poema com o apoio dos colegas da turma e candidatou-o ao concurso 'Faça lá um poema 2016/2017', tendo-se classificado em segundo lugar ao nível do Agrupamento de Escolas de Caneças. A iniciativa foi organizada no âmbito do Plano Nacional de Leitura, com o objetivo de incentivar o gosto pela leitura e pela escrita de poesia e esteve integrada nas comemorações do Dia Mundial da Poesia.

Como nós estamos crescidos!

Neste período, a nossa turma (AAC/1B) fez várias visitas e participou em várias atividades e projetos! Somos muito crescidos! Em janeiro, fomos ao Pólo da Biblioteca D. Dinis, em Caneças. Ouvimos a história da galinha POC e, claro, também fizemos uma galinha muito gira e desenhámos a parte da história de que mais gostámos.



Também em janeiro fomos à Quinta Agrícola da Paiã, participar no projeto Do Urbano ao Rural. Vimos os animais que lá moram e até andámos de cavalo no picadeiro. Foi muito divertido!



E ainda preparámos prendas para o Dia do Pai... mas, PSIUUUUU!!! Foi feito em segredo!





Brincar ao Carnaval

Professores, alunos e assistentes operacionais participaram na grande festa do Carnaval da Escola Artur Alves Cardoso, que decorreu a 24 de fevereiro e que contou com a ajuda do bom tempo e da presença de encarregados de educação e outros familiares, que se juntaram à nossa festa e partilharam a nossa alegria.

No desfile de Carnaval passeámos pelas ruas envolventes à escola, lançámos serpentinas e confettis, brincámos muito, cantámos e dançámos. Estávamos todos muito catitas.

Este dia é realmente especial



porque podemos ser quem quisermos e, durante algumas horas, somos outra personagem.

Depois tivemos oportunidade

de de nos desenharmos a nós mesmos, vestidos com o disfarce da personagem que escolhemos para este ano.





Uma viagem planetária

A turma do 3.º A participou numa visita de estudo ao Planetário e ao aquário Vasco da Gama, em Lisboa, a 8 de fevereiro. Partimos da escola em direção a Belém. Já no Planetário observámos todos os planetas do sistema solar, outros astros e constelações que existem no

Universo.

Depois almoçámos nos jardins de Belém e também entramos no Mosteiro dos Jerónimos, no qual visitámos os túmulos do navegador Vasco da Gama e do poeta Luís de Camões.

À tarde tivemos uma visita guiada pelo Aquário Vasco da

Gama. Vimos muitas espécies de peixes, uma lula gigante e uma tartaruga que ali há muitos anos.

Esta visita de estudo foi muito divertida e aprendemos muito sobre as várias espécies de animais e seu habitat, sobre o Universo e os seus astros.

Visita ao Museu das Crianças

As turmas AAC1/4A e AAC1B realizaram, a 20 de fevereiro, a uma visita de estudo ao Museu das Crianças que se situa em Sete Rios, na entrada do Jardim Zoológico de Lisboa. Depois de uma curta viagem de autocarro, fomos recebidos pela dinamizadora, Catarina.

Iniciámos uma viagem mágica ao nosso futuro, para descobrirmos o que queremos ser quando crescermos e exploramos o mundo das profissões em sete salas do museu. Começámos pela sala da 'Inteligência dos Números', na qual fomos arquitetos, construtores, bombeiros, pintores e até decoradores.

Na sala da 'Inteligência da Natureza' experimentámos



ser veterinários e tratamos de uma lagarta muito comilona! Mergulhamos na 'Máquina do Tempo' e descobrimos a nossa verdadeira profissão/vocação.

Continuámos a nossa aventura na sala da 'Inteligência Física', onde adorámos ser

dentistas, médicos e pediatras. Formámos também uma banda, criamos uma história e fomos donos de uma padaria. Foi bem divertido!

A brincar, a brincar todos nós aprendemos...

**Alunos da turma
AAC1/4A**

Um dia no Museu da Presidência

Conhecer melhor a história de Portugal e da Bandeira Nacional, apreciar os retratos dos antigos presidentes e visitar a galeria de presentes que outros estados ofereceram aos presidentes portugueses foram alguns dos objetivos da visita que os alunos do 4º ano fizeram ao Museu da Presidência da República, no Palácio de Belém, no dia 14 de fevereiro.

Assim que chegaram, tiveram oportunidade de assistir ao render da Guarda Presidencial, uma cerimónia que tem lugar de hora a hora, seguindo um protocolo de regras que debateram com entusiasmo. Constataram que os uniformes dos guardas são diferentes dos uniformes comuns da Guarda Nacional Republicana e destacaram, com humor, o facto de usarem um penacho nos capacetes. Os guardas estão sempre muito sérios, com um ar muito responsável e elegante.

Ainda antes da visita, tiveram de respeitar o protocolo de segurança, tendo passado por um pórtico que deteta metais. Também as malas foram analisadas por um sistema de raio X. “Parecia um filme...” disseram os alunos, o que compreenderam, pois, na Presidência da República não pode existir falhas na segurança.

Já no interior, tiveram oportunidade de participar numa oficina pedagógica, no decorrer da qual pintaram, num azulejo, uma das várias bandeiras que o nosso multissecular país teve ao longo da sua história. Escolheram assim a que mais gostavam e que consideraram mais im-



portante. Foi uma atividade divertida e diferente. Afinal, não é todos os dias que pintam um azulejo seu!

Houve um pormenor que os interessou muito e que os motivou ainda mais: aprenderam que quando o Presidente está no interior do Palácio, a Bandeira Nacional está hasteada e, portanto, bem visível. Esta aprendizagem chegou acompanhada de alguma tristeza, uma vez que, em dezembro de 2016, os alunos tinham escrito

uma carta ao Presidente da República, anunciando que iriam visitar o Museu da Presidência em fevereiro e gostariam muito de o conhecer pessoalmente, se tal fosse possível.

Acontece que ainda não foi desta, mas alunos e professoras que os acompanhavam não desanimaram e continuaram a visita, tendo regressado com desejo de voltar em breve. Talvez, quem sabe, numa altura em que a Bandeira Nacional esteja hasteada.